

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Trabalho de Conclusão de Curso

**Outros sentidos à perversão:
de Havelock-Ellis e Krafft-Ebbing a Freud.**

Vinicius Amaral Costa

Maio
2011

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde

Trabalho de Conclusão de Curso

**Outros sentidos à perversão:
de Havelock-Ellis e Krafft-Ebbing a Freud.**

Trabalho de conclusão de curso
como exigência parcial para a
graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Dr. Paulo
José Carvalho da Silva.

Maio
2011

RESUMO

O que é perversão? Quando um indivíduo ou um ato pode ser dito perverso? Conotar alguém ou algo sob esta égide é o suficiente para estabelecer um sentido claro entre seus interlocutores? Tomamos como referência, a um exemplo de significação acerca deste termo, o “catálogo das perversões” de Krafft-Ebing. Nele, a perversão nos é apresentada como um lugar ocupado por aqueles que moralmente perturbam a composição de comportamentos permitidos sexualmente, sendo o perverso um desviante da sexualidade dita normal. Quando Freud, com a psicanálise, dá espaço ao discurso sexual, a perversão passa a ser investigada, até que é legitimada como uma das possíveis saídas à castração. Neste momento, em que Freud questiona o próprio paciente acerca de sua enfermidade, leva a relação do que se é perverso, de um discurso discriminativo do conceito, à uma referência de funcionamento psíquico. Com as obras de Havelock-Ellis e de Kraft-Ebbing (estes mesmos autores que Freud também se influenciou bibliograficamente na construção de seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*), elucida-se alguns pontos sobre como se articulava o termo “perversão” no discurso da medicina a fim de se compreender historicamente as mudanças com as quais se apropriaram deste termo, até que esta “nova leitura” das singularidades sexuais abrisse um campo que, no lugar de evidenciar as condições que a justificassem como um desvio, despertasse o interesse de explicá-las serem como são.

Palavras-chaves: perversão, psicopatologia, psicanálise

SUMÁRIO

Introdução	05
1. A perversão na medicina do século XIX	13
1.1 A perversão em Krafft-Ebing.....	16
1.2 A perversão em Havelock Ellis	21
2. A perversão na psicanálise.....	26
Considerações Finais.....	52
Referências Bibliográficas	55

INTRODUÇÃO

Perversão. Qual é a definição que nos vem quando se é lido “perverso” ou até mesmo quando nós nos apropriamos deste termo? Recorre-se ao dicionário Aurélio (1993): *perversão sf.* 1. Ato ou efeito de perverter(-se), 2. Corrupção; depravação. Tem também: *perverso adj.* 1. Que tem malíssima índole. 2. *Fig.* Defeituoso, vicioso. E, por fim: *perverter v.t.* 1. Tornar perverso ou mau; corromper, depravar. 2. Transtornar. P. 3. Tornar-se perverso; depravar-se.

A apropriação deste termo de uso tão corriqueiro seria de, não só uma outra significação para os estudos psicanalíticos, como também considerado uma estrutura, tanto quanto a neurose e a psicose. Mas parece que uma maior atenção é voltada a estas estruturas e, ao se deparar com o termo “perversão”, sua significação ainda pode advir uma conotação moral, tal qual nos apresenta um dicionário. Uma vez que nos referimos ao perverso como aquele que infringe a lei, não se comporta sob as normas de condutas morais, enfim, que é de má índole e que trai, como usar este termo em contextos teóricos ou científicos sem que nos cause um conflito de compreensão conceitual? A obra *A parte obscura de nós mesmos* (2008), de Elisabeth Roudinesco, nos apresenta as metamorfoses ao longo da história em torno deste termo, bem como a pluralidade contextual em que este é utilizado, indo dos contos libertinos de Sade até as chacinas nazistas de Rudolf Höss – apresentando através de grandes figuras emblemáticas a interpretação da perversão no Ocidente. Tentando responder à questão “onde começa a perversão e quem são os perversos?”, a autora passa não só pelos perversos e suas peculiaridades sexuais como também pelas teorias e práticas constituídas em torno deste tema, como era visto entre a Idade Média até o final da Idade Clássica.

Antes de tornar-se uma doença considerada psiquiátrica, a perversão era confundida com perversidade, denominando aqueles que tentavam converter os

homens – inclusive aquele que agia “perversamente” - ao vício, influenciado por algo da ordem do divino. O que se denominava como perverso era, então, um ser atormentado pelo diabólico sem deixar também de oferecer si mesmo a Deus, como um corpo dejetivo em oferenda. E

Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina (...), a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo. (Roudinesco, 2008, p. 11).

Se tomamos o perverso como o mau, o ruim, e que não respeita a lei, deveríamos ter claro o que é, antes de tudo, a noção de bem, do correto e da lei, termos que encerrariam qualquer possibilidade de interpretação ao reduzirem-se em uma “moral universal”. Desta moral – inquestionável – dão continuidade, num ir-se adiante para uma “cura” ou fala-se sobre este lugar que antes de discuti-lo, aponta-o, julga-o. Tal é o caso do catálogo de Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis*, onde a perversão – e os perversos – são descritos um a um em um referencial médico do que são os sexualmente patológicos e, para tal, usar de termos como “sexualidade normal” sem conceituá-los mas, apropriando-se destas como marcadoras de um lugar. De uma norma que assim é e quem nela não está, não está saudável. É este passar por cima de uma discussão que seria crucial para a medicina que leva o pensamento médico de Krafft-Ebing a, no lugar de compreender os perversos, buscá-los, catalogá-los e até fazer aparecer termos como “taras nervosas hereditárias” ou “perversão congênita”.

Percebe-se aqui, neste momento médico sobre a perversão, neste querer curar, que a perversão não é discutida, mas utilizada como rótulo, um agente policiador: “estes são os perversos, o resto, não”. E desta “doença”, uma tentativa de cura, isto é, de normalizar as relações sexuais a uma prática do coito reduzida à uma certa maneira. Da forma certa. Uma “sexualidade moral universal”.

Se houve na história esta façanha de se registrar a perversão naquilo que é singular a cada um – pois já que não atendia à norma, havia de corrompê-la, cada um ao seu modo, em 238 casos registrados ao longo da obra – houve também aquele que deu seus ouvidos ao sujeito, entre tantos outros médicos que somente podiam ouvir uma verdade: Sigmund Freud. Ao dar seus ouvidos para a verdade de cada sujeito, às singularidades, também cria uma escuta à sexualidade enquanto noção de que, como vai apontar Foucault, “o sexo” não existe.

Com a criação deste elemento imaginário que é “o sexo”, o dispositivo de sexualidade suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo – desejo de tê-lo, de aceder a ele, de descobri-lo, liberá-lo, articulá-lo em discurso, formulá-lo em verdade. (Foucault, 1988, p. 171).

Surgindo a partir da escuta de seus pacientes, a teoria psicanalítica era formulada posteriormente. Esta antecedência da escuta ao saber colocava a perversão em um outro lugar de questionamento: por quê são os perversos, perversos? O que acontece nesses casos onde a sexualidade somente é possível de forma imoral? E qual é afinal esta moral do sexo? Nestes questionamentos, Freud acaba por designar sob o termo “perversão polimorfa” uma sexualidade comum a todos os homens em seu período infantil – assim, também levanta esta constatação polêmica de se falar de uma sexualidade já logo nos primeiros anos de vida do ser humano.

Recorrer às obras destes autores buscando momentos em que seus discursos significavam aquilo que é perverso nos traria uma recapitulação histórica de como era o tratamento do perverso naquela época, como poderíamos nos apropriar do perverso hoje e quais foram as diferenças apresentadas por Freud acerca deste capcioso tema. Uma tentativa de “retorno” aos médicos pré-Freudianos e às conotações do termo perversão antes da psicanálise.

A ideologia na produção de sentidos

Tendo como principal interesse evidenciar o contexto em que o termo *perversão* foi empregado em determinados textos da ciência médica do final do século XIX afim de compará-lo com os estudos psicanalíticos, ilustrando as diferentes formas de conotá-lo, recorreremos brevemente à obra *Análise de Discurso: princípios & procedimentos* (2005) de Orlandi.

Apesar de não termos como foco uma análise do discurso, os argumentos apresentados a seguir, baseados na mencionada obra, corroboram com esta tentativa de se elucidar o emprego do termo *perversão* e sua condução de forma ideologicamente diferente nos dois contextos.

O que apresenta a Análise de Discurso é que a história não é baseada meramente em um fato ocorrido e, então, registrado. Há um poder para aquele que faz a história: o poder de se registrar, antes da história, sua própria ideologia no processo daquilo que se denomina como produção de conhecimento. Ponto crucial que devemos nos atentar antes de prosseguirmos com alguns extratos dos textos de Krafft-Ebing e Havelock Elis e avaliarmos suas produções de sentidos. Isto, partindo da concepção de que “a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história” (Orlandi, 2005. p. 25).

O sentido que é por nós percebido em qualquer texto que haja alguma coerência, independente de seu conteúdo, é exercido na articulação de três regiões de conhecimento: a) a teoria da sintaxe e da enunciação; b) a teoria da ideologia e c) a teoria do discurso. Indo além da Hermenêutica, a Análise do Discurso questiona a própria interpretação. Não há uma “chave” – no termo designado pela própria autora – que permita o acesso a uma verdade, tampouco este é o seu trabalho. O foco, para a Análise do Discurso, são estes processos mencionados acima que envolvem o fenômeno da significação.

Apesar de se interessar pela língua e pela gramática, não é disto que se trata, mas do percurso possível de se por em movimentos, no ato da fala ou da escrita, os símbolos significáveis - e é esta a própria etimologia de discurso¹. E, neste ato, observa-se o homem produzindo sentidos.

(...) levar o sujeito falante ou leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem (...). Saber que não há neutralidade (...). A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político (...) sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (Orlandi, 2005. p. 9.)

A Análise de Discurso é pontual em relação ao *como* uma ideologia pode ser produzida em um discurso e onde se pode apontar este momento. Não se trata de defender um lado ou criticar outro, mas evidenciar a capacidade de se *criar* sentidos sem nos darmos conta.

Para exemplificar esta ideologia na produção de sentidos, adiantaremos duas citações, uma de Krafft-Ebing e a outra de Freud, sobre uma patologia que leva a qualidade de “adquirido” (grifamos, para destacar, onde ocorre a produção de sentido):

O instinto sexual antipático dessa paciente, *que foi claramente adquirido*, expressava-se de maneira tempestuosa e decididamente sensual, e cresceu ainda mais pela masturbação, já que o controle constante nos hospitais tornava impossível a satisfação sexual com o mesmo sexo. (Krafft-Ebing, 2001, p. 137)

¹ A partir do *Dicionário etimológico da língua portuguesa* de José Pedro Machado: “ato de correr de um lado para o outro, de se espalhar para diversos lados; agitação; esforço; idas e vindas (de um barco, das estrelas); discurso, conversação. Ou ainda pelo *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha: percorrer, atravessar; tratar, expor, analisar.

(...) uma parte dessa disposição adquirida (*se foi realmente adquirida*) tem de ser atribuída à constituição inata. Assim, na prática, vemos uma contínua mescla e mistura do que em teoria tentaríamos separar em um par de opostos, a saber, caracteres herdados e adquiridos. (Freud, 2006, p.181)

É neste discorrer de uma frase à outra, de um sentido a outro, que podemos perceber a questão ideológica por trás do discurso. Este passar de uma sentença a outra é um processo e uma condição de produção da linguagem, possível através da ideologia que se materializa em um discurso. Poderíamos até analisar partindo do conteúdo, ou seja, interpretar o que poderia estar fazendo o autor de *Psychopathia sexualis* a discursar assim, com estas associações, baseando-se em seu contexto, sua biografia, sua ideologia. Mas o foco aqui é a diferença na produção de sentido entre um autor e outro, utilizando-se do mesmo termo.

Este sentido que é evidenciado descreve não uma relação direta entre a história e o texto, como se os registros que nos são apresentados em nossa herança simbólica, bem como os registros que estão acontecendo no dia-a-dia em jornais, revistas, programas, conversas do cotidiano, enfim, se encontrassem em uma relação de causa-efeito, como se primeiro algo acontecesse e, então, fosse registrado. O sentido é “uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história” (Orlandi, 2005, p. 47). Isto é, sempre que alguém escreve, escreve partindo de um determinado ponto, em determinado contexto e, principalmente, motivado por um interesse a dizer aquilo que diz. É o próprio sujeito que se apresenta e “não há sujeito sem ideologia” (p. 47).

Mas não se trata de evidenciar ou não possíveis ludibriações no texto, ou tentativas de encobrimento. A ideologia é necessária para qualquer produção de sentido e só a partir dela pode-se fazer discursos. Ela é o seu movente:

Não há, aliás, realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. (Orlandi, 2005, p. 48).

A Análise de Discurso nos aponta uma postura de se apropriar da História, uma conscientização de não ingenuidade sobre a relação entre linguagem/mundo/pensamento. Esta não se dá “termo-a-termo”, ela é antes de tudo possível, e somente possível, pois há uma ideologia que intervém no curso das palavras seqüenciadas, com seu modo de funcionamento imaginário. “São assim as imagens que permitem que as palavras ‘colem’ com as coisas” (Orlandi, 2005, p. 48).

Mesmo que o sujeito esteja permeado por uma ideologia que tem como princípio o máximo de fidedignidade entre o texto e o fato, esta ainda é uma ideologia. E é por esta “colagem” das palavras com as coisas que as filiações históricas podem constituir uma memória coletiva e permear as relações sociais em redes de significantes. E muito além de se entender o que possibilitou a permanência de certos sentidos na história e a extinção de outros, a Análise de Discurso vai apontar porque a história se constituiu como tal: pois há o outro e é por haver este outro que pode receber o sentido e compartilhá-lo que certos sentidos se mantêm. A possibilidade de interpretar um texto já estaria assim relacionado a um modo de trabalho transferencial e identificatório. A impossibilidade de se entender o que permanece e o que não se registra revela tais processos transferenciais que não temos controle, por estar justamente conduzidos por uma ideologia e pelo inconsciente. “Temos afirmado que não há sentido ‘literais’ grudados em algum lugar – seja o cérebro ou a língua – e que aprendemos a usar” (Orlandi, 2005, p. 60).

Assumindo então que tal “movimentador” de sentidos é de uma ordem fora do controle do analista, o que lhe é possível é apontar, no discurso, sua observação dos processos e mecanismos de constituição de sentidos e, por sua vez, de sujeito.

Aqui, trata-se de tentar se aproximar das diferentes formas que os referidos sujeitos colocaram em discurso este termo – a perversão – e o que trouxe de novo a ciência psicanalítica.

1. A PERVERSÃO NA MEDICINA DO SÉCULO XIX

Na tentativa de se aproximar da medicina do século XIX focando o termo “perversão” e como este se encontra significado em diferentes discursos, partiremos da concepção abordada nas obras de Krafft-Ebing (1840-1902) e de Havelock Ellis (1859-1939). A opção destes autores, além de sua referência para a medicina da época, são os principais estudados na obra *Os três ensaios sobre a sexualidade* (1905) de Freud.

A dificuldade de se apontar qual é a patologia presente na perversão, qual seria o “órgão doente” ou a localização anatômica, acaba por nos apresentar um discurso um tanto indefinido sobre o objeto de seu estudo. Tal indefinição é demonstrada no “catálogo dos perversos”, livro do psiquiatra Krafft-Ebing, sob o título *Psychopathia Sexualis* (1886). Este objeto de estudo tão obscuro acabou por ser registrado sob duzentos e trinta e oito casos diferentes, cada um apresentando um relato de vida, comportamento, costumes, relações patológicas supostamente hereditárias e maneiras de se relacionar sexualmente. Um livro que, no lugar da perversão, apresenta perversões, cada uma em sua singularidade.

Isaias Pessotti, em *Os Nomes da Loucura* (1999), apresenta não só uma crítica às criações de conceitos para se definir as loucuras como também a capacidade classificatória dos cientistas e a elucidação destes momentos na história no que diz respeito à impregnação, à colagem, de um valor moral a uma dada patologia².

Se temos aqui o intuito de nos apropriarmos de alguns discursos de dois autores de grande influência para o estudo do tema da perversão enquanto um nome que produz sentido, há de nos posicionarmos frente ao contexto daquela

² Já na *Introdução* irá diferenciar duas vertentes da classificação oitocentista: uma organicista baseada nos dados da anatomia patológica, ora postulando processos orgânicos até mesmo metafísicos e outra mentalista, baseada nos processos mentais, com ou sem manifestações orgânicas, esta também denominada “moralista”.

época, bem como às transformações do saber médico no final do século XVIII e início do século XIX. A idéia de que o termo perversão servia como um veículo ao qual uma ideologia baseada moralmente se agregava é corroborada neste extenso estudo de Pessotti que afirma que

(...) às vezes os nomes mudam, enquanto simples nomes, sem qualquer modificação conceitual, o que, ao contrário daquelas reformulações, não reflete um saber psicopatológico, mas preferências semânticas. (Pessotti, 1999. p. 192).

e estas preferências são muitas vezes

(...) usadas para marcar uma posição pessoal diante do quadro ou para ligar o próprio nome a uma certa designação. (Pessotti, 1999. p. 192).

Com estas conclusões do autor, tentaremos aqui evidenciar este fenômeno da produção de sentidos a partir de um conceito. Tratando-se da perversão, esta patologia “moralista” – no sentido de um desprovento organicamente explicativo que a justificasse como tal – nos encontramos num campo ainda mais delicado onde, longe de se julgar os comportamentos e o tratamento médico da época, uma compreensão do que permeava a sociedade deste contexto e as necessidades de se tratar os ditos perversos de um determinado modo, poderá ser resgatada ao analisarmos os discursos dos autores escolhidos e que influenciaram Sigmund Freud em sua psicanálise.

Pessotti, ao falar das variações e “evoluções” dos nomes da loucura, também enfatiza um importante aspecto que justificaria esta “maratona categórica” entre os médicos frente a uma patologia que não se revela clara quanto ao órgão doente. Deve-se lembrar que, se há uma demanda social para se curar um perverso, seja por motivos morais, seja por de fato uma determinada comunidade considerar atitudes atípicas em relação à sexualidade como indícios de uma legítima patologia, haverá médicos se prontificando a curá-la. E haveria melhor

cartão de visita do que, por exemplo, atribuir seu próprio nome à demanda em voga, a partir de uma contribuição semântica particular?

A história das classificações não está imune às rivalidades e distorções intelectuais que acompanham a formação do saber médico e de qualquer outro saber. Não são apenas as propriedades dos fatos, ou dos eventos, que dirigem as classificações. Ao lado delas atuam recursos metodológicos, filiações conceituais e doutrinárias, vieses teóricos, propósitos práticos e valores da profissão (Pessoti, 1999, p. 204).

e

(...) pode ser qualquer dessas coisas, dependendo do ponto de vista de quem classifica, incluídas as suas próprias preferências semânticas (Pessotti, 1999, p. 208).

Neste trecho é claro que o fenômeno da produção de sentido serve somente para auxiliar a atuação médica que, não baseada em nenhuma referência digna das ciências médicas que localiza no organismo os processos patológicos – como problemas hormonais, por exemplo – ou a localização do órgão doente – no caso da cardiologia –, parte de uma preferência do próprio médico, baseado em sua ideologia, utilizando-se dos dispositivos classificatórios como instrumento para legitimar sua atividade e garantir-lhe um poder sobre o fenômeno. E se Krafft-Ebing fora reconhecido por esta capacidade classificatória presente nos seus trabalhos e que influenciou toda sua geração no modo como se apropriavam de uma patologia, não podemos desconsiderar que ele também era um sujeito pertencente a uma determinada época e seus próprios valores ideológicos:

Era o período em que se começava a trocar as esperanças em uma classificação etiológica fundada na anatomopatologia pela busca de comprometimentos orgânicos mais gerais, tais como a hereditariedade e as degenerescências. (Pessotti, 1999, p. 219)

Assim,

(...) sem o conhecimento da natureza das formas de loucura (e da própria loucura, genericamente entendida); sem poder especificar os fatores etiológicos das diferentes manifestações da alienação, restam os critérios sintomáticos, e as divisões formais, ou artificiais. (Pessotti, 1999, p. 270).

E não era esta a qualidade atribuída a diversos argumentos encontrados no “catálogo dos perversos” de Krafft-Ebing, a obra *Psichopathia Sexualis*, quando vai justificar a patologia perversa partindo de questões como vestimenta, preferências literárias, apreciações estéticas, independência financeira, posição social, profissão...?

1.1 A PERVERSÃO EM KRAFFT-EBING

Nesta obra - *Psichopathia Sexualis* -, a relação entre perversão e sexualidade é indissociável. Trata-se o perverso como um desviante da sexualidade normal e configura-se em torno dos casos descrições que podem corroborar com a idéia de uma anomalia. As descrições misturam conceitos pertinentes à medicina – como demência e histórico de neurose ou epilepsia na família -, critérios de fundamentos médicos no mínimo questionáveis – como a questão do tamanho do crânio e conceitos do tipo “tara hereditária -, e até mesmo características de personalidade – “gostava de solidão (...), sem interesse pelas artes ou pelo belo” (Krafft-Ebing, 2001, p. 13). Ao lado do número catalogado em cada caso, um “subtipo” do perverso listado em mais de cinquenta outras categorias baseadas em neuroses sexuais, neuroses espinhais e neuroses cerebrais. E se os argumentos para justificar uma patologia parecem absurdos, os nomes das subcategorias o são ainda mais, chegando a agrupar conceitos tão

dísparos, como “bolinagem” com “necrofilia” ou “pederastia” com “pedofilia”. A seguir, a ordem dos subtipos apresentados para os 238 casos na obra em ordem alfabética:

- Androginia;
- Anestesia;
- Anestesia adquirida;
- Assassinato por luxúria;
- Aviltamento de mulheres;
- Bestialidade;
- Bestialidade simbólica;
- Bolinagem;
- Canibalismo;
- Conspuração de mulher;
- Conspuração de roupas femininas;
- Corpolagnia;
- Debilidade mental adquirida;
- Delírio erótico;
- Demência;
- Demência epiléptica;
- Demência parética;
- Escravidão sexual;
- Exibicionismo;
- Fetichismo;
- Ginandria;
- Hermafrodismo psíquico;
- Hiperestesia;
- Histeria;
- Homossexualidade;
- Homossexualidade adquirida;
- Incesto ideal;
- Insanidade periódica;

- Instinto sexual antipático;
- Lesbianismo;
- Lesbianismo em transição para viragindade;
- Mania homicida;
- Masoquismo;
- Masoquismo fetichista;
- Masoquismo ideal;
- Masoquismo simbólico;
- Metamorfose psicosexual;
- Necrofilia;
- Ninfomania;
- Onanismo patológico;
- Paranóia;
- Paranóia religiosa;
- Pederastia;
- Pedofilia;
- Perversão³;
- Pretensa pederastia;
- Sadismo;
- Sadismo ideal;
- Sadismo inconsciente;
- Sadismo simbólico;
- Sadomasoquismo;
- Satiríase;
- Sexualidade antipática adquirida;
- Sexualidade antipática;
- Sexualidade elementar (espinhal);
- Transexual feminina;
- Travestismo;

³ Apresentar entre os subtipos da perversão um conceito levando o próprio nome de “perversão” ressalta a questão das confusões geradas pelo “furor classificatório”.

- Viraginidade;
- Zoofilia.

E até mesmo um caso que está subdividido como “Autobiografia de um transexual”. Para um exemplo sobre a impregabilidade desses subtipos e os adjetivos que alguns destes levam, serão transcritos trechos de dois casos deste curioso termo “sexualidade antipática”, onde, no primeiro, trata-se de uma “sexualidade antipática adquirida”

O caso denominado como *sexualidade antipática adquirida* foi baseado sem qualquer contato de Krafft-Ebing com o paciente em questão, mas somente a partir de um relato que o suposto perverso teria detalhado algumas passagens de sua vida. Seu início na sexualidade com alguém do mesmo sexo aos 13 anos, as carícias trocadas com uma empregada, as experiências em bordéis e mulheres que quando portadoras de “seios bem desenvolvidos” era “sempre potente e não precisava⁴ usar a imaginação”. Ao final do caso, uma dúvida do próprio paciente sobre o nome de sua doença, e uma noção pré-concebida sobre uma sexualidade normal *versus* anormal:

Se minha condição anormal não se modificar, estou decidido a colocar-me sob seu tratamento; e isso principalmente porque, depois de uma cuidadosa leitura de sua obra, não consigo incluir-me na categoria dos homossexuais; e também porque tenho a firme convicção, ou pelo menos esperança, de que uma vontade forte, assistida e combinada com um tratamento especializado, poderiam me transformar num homem com sentimentos normais. (Krafft-Ebing, 2001, p. 136).

E o que viria a ser uma *sexualidade antipática* somente? Este é o caso de Ilma, 29 anos, que veio de uma “família com péssimas taras nervosas” e que sofreu, aos 14 anos, clorose e catalepsia por susto. Apaixonou-se por um homem, mas se separou e, depois da separação, para ganhar a vida, passou a vestir-se de

⁴ Transcrição de verbo alterada da primeira para a terceira pessoa.

homem. Ora se apresentava como um homem disfarçado, ora uma mulher, confusa quanto à atração pelo sexo masculino ou feminino. Foi internada num hospital e ali causava furores devido ao seu amor apaixonado pelas enfermeiras ou a outras enfermas, sempre do sexo feminino. Apesar de portar uma - nas palavras do autor - “inversão sexual considerada *congênita*”, nada deste caso para o caso anterior poderia nos apresentar alguma justificativa para levar em seu subtipo o adjetivo “adquirido”. E se parece confuso para quem está lendo, a confirmação de que tamanha confusão também permearia naquele quem criou as categorias é confirmada nas últimas linhas:

O instinto sexual antipático dessa paciente, que foi *claramente adquirido*, expressava-se de maneira tempestuosa e decididamente sensual, e cresceu ainda mais pela masturbação, já que o controle constante nos hospitais tornava impossível a satisfação sexual com o mesmo sexo. (Krafft-Ebing, 2001, p. 137).

Tanto a dúvida do paciente no primeiro caso, que não sabia bem qual era o nome de sua doença, mas sabia que não se tratava de uma homossexualidade – e sua necessidade de saber onde estava posicionado –, como esta confusão entre sexualidade antipática adquirida ou não e a própria contradição de Krafft-Ebing ilustram aquilo que Isaias Pessotti define como “capacidade classificatória” dos cientistas, apontando quais as condições e os critérios que determinavam este *establishment* científico.

Apesar de o foco da obra ser a loucura, podemos nos apropriar deste modo de olhar de Pessotti para estudarmos a perversão. Ainda mais por dedicar quase dezessete páginas somente a Krafft-Ebing, pontuando os movimentos e posturas na hora de se criar classificações e a apresentação de uma importância essencial para este psiquiatra sobre a classificação das espécies na obtenção de um diagnóstico. Citando o autor, Pessotti transcreve a seguinte argumentação da concepção de Krafft-Ebing sobre o uso classificatório que viria a ser de grande importância na história da psiquiatria frente às patologias mentais.

A base fundamental de uma patologia frenológica especial está na distinção e no agrupamento das formas individualmente diversas e múltiplas, de doença, segundo um ponto de vista unitário (...). Apesar de todas as dificuldades de uma tentativa desse tipo, não se pode renunciar a ela, no interesse do progresso da ciência, bem como, da compreensão do leitor (Krafft-Ebing, 1886, apud Pessotti, 1999)

Nesta sessão, o autor analisará a falta de critérios anatômicos e/ou etiológicos para justificar os parâmetros classificatórios de Krafft-Ebing, restando uma solução *clínico funcional* partindo do pressuposto de que se é possível identificar fatores causais que deixariam marcas e, assim, constatar uma patologia. Mas parece que no “catálogo dos perversos”, o autor se atrapalha nas nomenclaturas e acaba misturando ordens tão diferentes de comportamentos sob a mesma perversão (como, por exemplo, homossexualidade e pedofilia) e, para justificar tais, utiliza-se de argumentos sobre uma “funcionalidade clínica” mais baseadas em questões morais subjetivas na tentativa de criar conceitos que lhe concedesse algum poder do que, de fato, dados clínicos médicos que justificassem a perversão como uma patologia. Assim, recorrendo à hereditariedade e à biografia de seus pacientes, descartaria a necessidade de se constatar no organismo do indivíduo algum argumento, fadando este ser perverso e excomungado socialmente a um destino já traçado antes de seu nascimento, fatalmente e justificado por sua vida relatada e/ou pesquisada.

1.2 A PERVERSÃO EM HAVELOCK-ELLIS

Na obra *O Instinto Sexual* (1903), podemos apontar a visão que Havelock Ellis desenvolvia sobre a sexualidade a partir de uma distinção entre sexualidade normal e sexualidade anormal. Serão aqui transcritos alguns fragmentos que nos

permitirá analisar de onde partem os estudos desta obra, com um implícito julgamento ao posicionar os perversos como representantes de uma sexualidade anormal, patológica. Já logo no início do Prefácio, encontra-se definido de onde parte suas questões e qual o intuito de sua ciência: aprender o processo *exato* dos fenômenos sexuais para, então, poder classificar o que é normal e anormal no desenvolvimento e nas práticas sexuais.

Enquanto não apreendemos o processo exato que se elabora por detrás dos fenômenos variáveis e múltiplos que se apresentam à observação, nunca poderemos esperar compreender as relações verdadeiras entre as diversas manifestações normais ou anormais deste instinto. (Havelock Ellis, 1903, p.VII)

Nesta obra não vemos focado o fenômeno da perversão, tal qual a obra de Krafft-Ebing, mas uma obra sobre a sexualidade humana e apresentações de outros trabalhos que já trataram desta questão. Conceitos e teorias para a definição de instinto sexual na tentativa, talvez, já mencionada no prefácio, de se compreender uma sexualidade normal.

É no segundo capítulo, *Amor e Dor*, que algo sobre as perversões começa a ser apresentado e que pode valer para o nosso estudo sobre o discurso da perversão pela medicina no final do século XIX. As perversões aqui apresentadas são o masoquismo e o sadismo somente, designados como *aberrações* em contraposição do que seria uma sexualidade *normal*. O ponto a ser focado é, ressaltando, esta partida dos estudos, este início já estabelecido sobre uma indubitável sexualidade normal: “até hoje não se fizeram pesquisas sobre o desenvolvimento sexual normal” (Havelock Ellis, 1903, p. IX).

E parece que nesta díade do normal ou anormal, o autor acaba por criar uma terceira categoria, intermediária: os desenvolvimentos “mais ou menos normais”. “No Apêndice, encontrarão narrações escolhidas de desenvolvimento sexuais mais ou menos normais” (Havelock Ellis, 1903, p. VIII).

Falando sobre *dor*, Havelock Ellis posiciona o sadismo e o masoquismo como um comportamento próximo ao do comportamento animal partindo de que, nos animais, o amor e a dor estariam associados, tanto que, em muitos dos mamíferos, o macho só consegue a fêmea pela violência.

Do mundo dos animais ao mundo humano, o autor descreve a forma violenta e comum a uma certa tribo primitiva africana sobre a relação da dor nos rituais de conquista de uma fêmea por um macho:

A impulsão de infligir a dor se tornou portando um fator da requestação e ao mesmo tempo uma idéia agradável para a fêmea, porque, tanto nos seres primitivos como nos antepassados mais próximos, o vencedor no amor era antes o mais bravo e o mais forte que o mais belo e mais hábil. Enquanto não sabe bater-se, não é considerado como um homem não devendo esperar obter os favores de uma mulher. Nos Massais da África, um homem não pode casar-se antes de ter ensangüentado a lança, e numa outra parte, completamente diferente, do mundo, no Daiaques de Borneo, parece claramente que o objetivo principal da caça às cabeças consiste no desejo de agradar às mulheres, sendo a posse de uma cabeça que a gente mesmo cortou uma maneira excelente de ganhar os favores de uma virgem. (A.C. Hadden in *Head Hunters*, apud Havelock Ellis, 1903, p.107)

Numa tentativa de comparar os comportamentos ditos perversos com maneiras menos civilizadas de se desenvolverem na organização sexual, exemplifica fenômenos como o “casamento por rapto” comum em algumas tribos ou o exemplo, citando Turnbull, sobre um costume dos indígenas na Nova-Gales do Sul:

A sua maneira de requestar é muito estranha. Quando um jovem encontra uma mulher que acha desejável, ordena-lhe simplesmente de o acompanhar à sua casa. A dama recusa. O outro a obriga a obedecer, não somente por meio de ameaças,

mas ainda com pancada... (Turnbull in *A Voyage round the World*, 1813, p. 98, apud Havelock Ellis, 1903)

Ao longo do capítulo alguns casos são citados a fim de se detalhar o comportamento sado-masoquista e que, pela sua própria descrição, a patologia seja apresentada, tal qual faz Krafft-Ebing - inclusive este mesmo autor é mencionado diversas vezes ao longo da obra de forma a corroborar com as conclusões de Havelock Ellis.

Ainda sobre o sadismo, Sade é citado de forma biográfica, tentando apontar em sua história fatores que auxiliaram o seu desenvolvimento perverso – como seus anos de militância e seu casamento arranjado – bem como a própria definição de sadismo com relação à Sade e suas perversões sexuais especiais apresentadas em suas obras.

No terceiro capítulo, citando Moll, também se apresenta uma possível explicação sobre o uso do chicote como uma típica tara sexual:

Desde a idade mais tenra, as crianças aprenderam a temer o chicote, mesmo sem (...) o experimentar, e um castigo injusto dessa espécie (...) desperta freqüentemente uma “cólera” intensa, uma excitação nervosa ou mesmo o terror no espírito sensível das crianças. (Moll, *Untersuchungen über die Libido Sexualis*, vol. I, apud Havelock Ellis, 1903, p. 18).

E porque nem todas as crianças se tornam então perversas? Havelock Ellis vai explicar um procedimento de maturação bem próximo do que Freud irá desenvolver em sua teoria sobre os perversos, em questão do abandono pelo prazer na flagelação:

(...) após a puberdade (...), a atração da flagelação tenha uma tendência normal para se apagar como uma criança, que só sobrevive na profundidade do consciente (...), mas sem afetar a

conduta, e para só emergir (...) em sonhos eróticos. (Havelock Ellis, 1903, p. 168).

E já que é normal de se apagar, o que seriam então os que não a apagaram?

Entretanto isto não é invariavelmente verdadeiro para pessoa que são organicamente anormais. (Havelock Ellis, 1903, p. 168).

A idéia de que há uma sexualidade normal na medicina do final do século XIX pode ainda ser corroborada por outra obra de Havelock Ellis – *A Inversão Sexual* (1897) – onde, mesmo criticando aqueles que querem curar o invertido por qualquer preço e as práticas de Schrend-Notzing que tratava a homossexualidade com sessões hipnóticas, prescrição de visita à bordéis depois de fortes doses de álcool, a tentativa de acarretar a ereção com prostitutas, entre outras práticas, dedica um capítulo inteiro sobre o tratamento da inversão.

2. A PERVERSÃO NA PSICANÁLISE

Neste capítulo, na tentativa de se apresentar como Freud significava a perversão, teremos também de explicar sua ciência. Não se tratando somente de uma “colagem” em torno deste conceito, a psicanálise reposiciona a própria sexualidade humana e, ao longo das obras de Sigmund Freud, não só o termo perversão foi freqüentemente utilizado como também todo um arcabouço conceitual em torno deste, para dar conta de uma interpretação psicanalítica dos processos e constituições perversas em torno, basicamente, do encontro da criança com a diferença sexual – ponto este que dá início não só aos estudos da perversão como a própria teoria psicanalítica. Esta investigação geral do tema da sexualidade passa a interessar Freud, inicialmente, ao observar na clínica, como aponta James Strachey no prefácio dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905, p. 121), a importância dos fatores sexuais na causação da neurose de angústia e da neurastenia, inicialmente, e das psiconeuroses.

O prefácio desta obra pode nos aproximar do desenvolvimento inicial postulado por Freud e o começo de seus estudos sobre a perversão. Historicamente, é na carta 52 a Fliess, no ano de 1896, que Freud faz sua primeira referência às zonas erógenas e seus vínculos com as perversões.

Outra consequência das experiências sexuais prematuras é a perversão, cujo determinante parece ser o fato de que a defesa não ocorre antes de o aparelho psíquico estar completo, ou então não ocorre nunca. (Freud, 1896/1986, p.211).

“Para explicar porque o efeito [da experiência sexual prematura] é, ora a perversão, ora a neurose, valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos” (Freud, 1896/1986, p. 213). E sua relação com a histeria:

Ocasionalmente, há uma metamorfose num mesmo indivíduo: perverso durante a idade do vigor e, depois, passado um período de angústia, histérico. Por conseguinte, a histeria não é a sexualidade repudiada, e sim a *perversão repudiada*. (Freud, 1896/1986, p.211).

Também no mesmo ano, anteriormente à carta 52, com o Rascunho K, Freud vai abordar este tema, mas do ponto de vista moral, isto é, na constituição de uma moral no homem.

(...) a vergonha e a moralidade são as forças recalcadoras, e de que a região em que ficam naturalmente situados os órgãos sexuais, deve, inevitavelmente, despertar repugnância durante as experiências sexuais. Quando não existe vergonha (...), ou não surge a moralidade (...), ou quando a repulsa é embrutecida pelas condições de vida (...), também nesses casos nenhum recalamento e, portanto, nenhuma neurose resulta da estimulação sexual na primeira infância. (...) A experiência cotidiana nos ensina que, quando a libido atinge uma intensidade suficiente, não se sente repugnância e a moralidade é vencida; e creio que o surgimento da vergonha esteja vinculado à experiência sexual por laços mais profundos. Em minha opinião, deve haver uma fonte independente de liberação de desprazer na vida sexual: desde que essa fonte esteja presente, ela pode ativar as sensações de repugnância, reforçar a moralidade e assim por diante. (Freud, 1896/1986, p. 164).

É em 1908, cinco anos após os *Três Ensaio*s, com o texto *Moral Sexual “Civilizada” e Doença Moderna*, que Freud retoma esta discussão.

Também, abandonando a teoria inicial da sedução em sua carta 69 - teoria que concluiu ao ouvir da boca de seus pacientes que foram seduzidos por seus progenitores e que, mais tarde, percebendo a incidência absoluta sobre seus casos, passou a considera-la uma “fantasia de sedução” – e no artigo *Minhas*

Teses sobre o Papel da Sexualidade na Etiologia das Neuroses –, Freud reconheceu que as moções sexuais eram atuantes já na vida infantil e também eram independentes de estimulação exterior. É a hipótese de que haveria uma sexualidade infantil a qual é reprimida socialmente e, daí, o caráter patológico de qualquer experiência sexual que ocorra durante a infância, levando a criança a se reaver com algo que, precocemente, ainda não teria uma constituição psíquica desenvolvida para lidar.

O que interessava a Freud, com essas conclusões, seriam os efeitos posteriores da repressão quando a criança atinge a maturidade e quais suas conseqüências no comportamento do indivíduo, bem como suas relações patológicas.

A criança anterior ao adulto perverso

Freud era um dos que não concordavam que a sexualidade se apresentaria somente na puberdade. O discurso médico já apontava casos de possíveis indícios de sexualidade anterior à puberdade, mas tomados a título de exemplos de patologia:

É certo que na literatura sobre o assunto encontramos notas ocasionais acerca da atividade sexual precoce em crianças pequenas, sobre ereções, masturbação e até mesmo atividades semelhantes ao coito. Mas elas são sempre citadas como processos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precoce. Nenhum autor, ao que eu saiba, reconhece com clareza a normatividade da pulsão sexual na infância (...) (Freud, 1905/2006, p. 163)

Freud busca relacionar as zonas erógenas do corpo com o desenvolvimento daquilo que se considerava como uma sexualidade normal. Ele não nega a sexualidade normal, porém, a constata já na infância e se questiona o que leva a criança, perversa polimorfa, à sexualidade dita normal.

A sexualidade que até então considerava-se “inexistente”, é lida como uma sexualidade em período de latência, período este organizador da sociedade que leva a criança a um homem – ou mulher – reprodutor da espécie.

As moções sexuais desses anos da infância seriam (...) perversas em si, ou seja, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção do desenvolvimento do indivíduo, só poderiam provocar sensações desprazerosas. (...) para uma supressão eficaz desse desprazer, [as moções reativas] erigem os diques psíquicos já mencionadas: asco, vergonha e moral (Freud, 1905/2006, p. 168)

A moral como um “dique” com que a sociedade educa a sexualidade perversa polimorfa para uma sexualidade considerada normal, isto é, genital, heterossexual e destinada à reprodução. O que a medicina do século XIX parece nos mostrar é que já parte desta moral como algo original, inicial, e dela fazer sua teoria. Freud vai nos levar a uma certa pré-história também da moral, estudando o que seria anterior a esta na formação do indivíduo.

Esta postura dos médicos estaria de acordo também com a dos educadores que, como o autor mesmo descreve, perseguem como “vícios” todas as manifestações sexuais vindas da criança e, mesmo que não possam fazer nada contra estas manifestações, considera-as como um critério que torna a criança ineducável. Freud passa a se interessar pela possibilidade de se esclarecer a configuração originária desta pulsão sexual típica e complexa do ser humano.

A importância de se desvincular o caráter patológico da vida sexual infantil é original de Freud.

Observe-se que, no percurso para o conhecimento, começamos por fazer uma idéia muito exagerada da diferença entre a vida sexual infantil e madura, e agora fazemos uma emenda a isso. Não só os desvios da vida sexual normal, como também a configuração normal desta são determinados pelas manifestações infantis da sexualidade. (Freud, 1905/2006, p.193)

No resumo, ao final do texto, Freud sintetiza sua teoria já apresentada da perversão. Esta consiste em tomar a pulsão sexual não com tanta clareza e objetividade como se era tomada até então e, talvez, até por esta postura, fazer da perversão um fenômeno que desencadeasse julgamentos no lugar de tentativas de compreensão. Esta pulsão sexual estaria composta de diversos fatores e, no caso dos perversos, estaria desfeita enquanto uma pulsão unida destinada a um alvo genital, mas sim encontrada em seus componentes parciais.

Com isso, as perversões se revelaram, de um lado, como inibições do desenvolvimento normal e, de outro, como dissociações dele. (Freud, 1905/2006, p. 218)

Uma moral sexual

Apresentando a obra *Ética Sexual* (1907) de Von Ehrenfels, Freud vai apontar a diferença entre duas morais da espécie humana. Uma seria a denominada “natural”, condizente à conservação da saúde e eficiência. A outra, denominada “civilizada”, seria uma moral pautada pela produção intensa de subsídios para nossa cultura. Estes estudos resultaram, em 1908, no texto *Moral sexual “civilizada” e doença moderna*.

Esta moral civilizada coexistiria com a moral natural, organizando os homens através da monogamia. Porém, as diferenças naturais que existem entre

o gênero masculino e o gênero feminino acabam por transgredir esta moral civilizada, gerando conflitos por uma moral que acaba sendo *dupla*.

(...) uma sociedade que aceita essa moral ambígua não pode levar muito longe o ‘amor à verdade, à honestidade e à humanidade’ (Von Ehrenfels, *ibid.*, p. 32 e segs), e deverá induzir seus membros à ocultação da verdade, a um falso otimismo, e a enganarem a si próprios e aos demais. (Freud, 1908/2006, p. 169)

Refere-se à modernidade discorrendo em variados exemplos de como a produção cultural intensificou-se a ponto de exigir das condições naturais do homem mais do que seu organismo é capaz. São citados diversos outros autores que também observaram as neuroses da modernidade, entre eles, Krafft-Ebing. O que Freud aponta como deficiente nestas teorias é a insuficiência para explicar certas peculiaridades dos distúrbios nervosos e a ignorância de que se considerava o fator etiológico mais importante: a repressão da vida sexual.

Baseado em suas experiências clínicas, Freud contribui para estas teorias postuladas em sua época nomeando dois grupos de distúrbios nervosos observados em seu trabalho: as *neuroses*, de natureza tóxica – denominadas também de *neurastenia* – sem relação com fatores hereditários; e as *psiconeuroses*, onde há influência hereditária e que o fator de causação não é claro. Mas o que Freud enfatiza nos sintomas dessas *psiconeuroses* – histeria, neurose obsessiva, etc... – é que estão relacionados com a atuação de complexos ideativos oriundos do inconsciente e que sofreram repressão.

Freud relaciona a capacidade exclusiva do homem em “transformar” os instintos sexuais em atividades de manutenção da cultura sem perda da intensidade que lhe é naturalmente própria. A esta capacidade, ele chama *sublimação*.

(...) durante esse desenvolvimento, uma parte da excitação sexual fornecida pelo próprio corpo do indivíduo inibe-se por ser inútil à função reprodutora, sendo sublimada nos casos favoráveis. Assim,

grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais são obtidas pela supressão dos chamados elementos pervertidos da excitação sexual (Freud, 1908/2006, p. 175)

Trata-se, a isto que se diz de sublimar, de destinar estas pulsões – que em Freud são sempre parciais – consideradas perversas em seus *alvos* ou *finalidades* não à satisfação, mas às ações de manutenção da cultura. Somente as pulsões destinadas à reprodução sexual devem ser satisfeitas, para que não deixem de se reproduzir e manter a ordem anunciada em uma cultura. Deste ponto de vista, consideraria o perverso como aquele que no lugar de ter suas pulsões investidas nas atividades, saciaram-nas naquilo que é constituído nos seus primórdios – que Freud mais adiante relacionaria o papel fundamental da mãe nesta constituição – e que não sofreram recalque. Daí, a máxima Freudiana: “a neurose é o negativo da perversão”.

Defini as neuroses como o ‘negativo’ das perversões porque nas neuroses os impulsos pervertidos, após terem sido reprimidos, manifestam-se a partir da parte inconsciente da mente - porque as neuroses contém as mesmas tendências, ainda, que em estado de ‘repressão’, das perversões positivas. (Freud, 1908/2006 p. 177)

A sexualidade iniciava-se já no bebê, de forma auto-erótica, onde a obtenção do prazer não era satisfeita só pelos genitais, mas também de outras partes do seu corpo. Desenvolvendo-se à primazia genital, onde a escolha de um amor objetual deslocaria o indivíduo deste estágio, este passaria a destinar suas pulsões à serviço da reprodução. A diferença no discurso Freudiano sobre a perversão, antes vista como um efeito, agora é causa que, recalçada, manifesta-se nos sintomas dos neuróticos, sendo originária em todos os seres anteriormente a vida neurótica, e não mais uma patologia, algo que “surge” pelas mais variadas – e pouco consistentes – causas.

Homossexualidade sublimada

No texto *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910), Freud vai bancar uma análise de um artista o qual, não só grande parte da sociedade ocidental, o próprio autor nutria muito respeito. Tomando referências de diversos biógrafos, o interesse inicial é sobre as relações que da Vinci mantinha com seus pupilos que, além de não chegar às relações sexuais de fato, a própria atividade sexual em si parecia não condizer com ele, considerado por muitos de seus contemporâneos como um homem assexuado.

Edmondo Solmi, entre todos os biógrafos, parece ter sido o único a ter “solucionado” um certo problema sobre uma exigência que dificultava o artista de finalizar suas obras:

O seu insaciável desejo de tudo compreender em seu redor e de pesquisar com atitude de fria superioridade o segredo mais profundo de toda a perfeição condenou sua obra a permanecer para sempre inacabada (Freud, 1910/2006, p.82)

Situando-se além – ou aquém – do amor e do ódio, seus afetos eram subordinados e submetidos ao instinto de pesquisa. Indiferente do bem ou do mal, tinha a vontade de saber:

Leonardo recomendaria o estudo da natureza como norma para o pintor... e depois a paixão pelo estudo tornou-se dominante; não mais queria estudar pelo amor à arte mas, sim, pelo próprio amor ao estudo (Freud, 1910/2006, p. 84)

Esta “lembrança infantil” citada no título trata-se na verdade de uma fantasia: um abutre abrindo a boca do pequeno da Vinci e introduzindo uma cauda. Freud compara esta cena a uma certa memória que se mantém da época de amamentação e sua relação com um desejo que se expressa naturalmente em

mulheres ou homossexuais passivos. Trataria-se da transformação de uma situação pela que todos nós já nos sentimos confortáveis – o período de amamentação – e que em nós sobrevive na forma de uma impressão orgânica. Freud até tenta fazer uma aproximação da deusa (*Mut*) e mãe (*Mutter*), tomando a fábula egípcia deste animal que por possuir entre seus semelhantes somente o gênero feminino, era então fecundado pelo vento. Mas, para o autor, a substituição da mãe pelo abutre revelaria um conhecimento da ausência do pai por parte de da Vinci e da solidão que acabou por compartilhar junto à sua mãe. Essa ausência traria uma maior atenção ao enigma que viveu Da Vinci acerca de seu pai, se comparando às outras crianças cuja figura paterna já se conhece desde o princípio. Sua vontade de pesquisar viria da tentativa de aliviar-se deste tormento: “Saber de onde vêm os bebês e o que tem a ver o pai com sua origem” (Freud, 1910/2006, p.99).

A constância de freqüentes perguntas nas crianças em um certo período poderia ser tomada como substituta daquela pergunta que nunca se faz: “de onde vêm os bebês?”. Como uma substituição da repressão sexual, da Vinci seria um exemplo daquilo que Freud apresenta como um tipo de “homossexualidade ideal”. A pesquisa compulsiva no adulto, oriunda do inconsciente, apresentaria não só o desenvolvimento da faculdade do intelecto, mas, também, uma capacidade de sublimação por meio da pesquisa que, não retornando ao inconsciente, não conduziria a um conflito neurótico. Esta “homossexualidade ideal” seria, então, uma homossexualidade sublimada.

Freud retoma suas teorias sexuais infantis sobre a época em que se atribui um pênis à mãe – tal qual nos apresenta a imagem de *Mut* no mito egípcio – para dar início a uma interpretação do sonho do abutre para da Vinci. Isso, de um interesse que a própria criança tem pelo seu genital e sua associação a todas as outras pessoas ou, até mesmo, coisas e seres inanimados. O encontro com o genital feminino, este outro sexo que até então era incabível, surte no menino, inicialmente, a idéia de que um pênis ali crescerá um dia. Quando percebe que

isso não acontece, ainda mantém a fantasia da primazia do falo e, logo, o pênis que ali existia fora castrado. Daí, a ameaça de castração.

Freud sugere que a constatação da falta de pênis nas mulheres e, principalmente, naquela que lhe parecia tão poderosa e “completa” – a mãe -, pode transformar este desejo e atração pelo outro sexo em seu oposto. Desta forma, repulsivamente, o menino buscaria filiação com o mesmo sexo. O fetiche traria traços indelévels desta fase onde se fixou a existência de um pênis para a mãe.

Um culto fetichista cujo objeto é o pé ou calçado feminino parece tomar o pé como mero símbolo substitutivo do pênis da mulher, outrora tão reverenciado e depois perdido. Sem o saber, os ‘coupeurs de nattes’⁵ desempenham o papel de pessoas que executam um ato de castração sobre o órgão genital feminino. (Freud, 1910/2006, p.103)

Para essas constatações tão polêmicas – ainda mais para a época – sobre a existência de pênis nas mulheres, Freud busca embasamento nas analogias biológicas existentes entre o desenvolvimento mental de cada indivíduo como uma reprodução abreviada do processo de desenvolvimento da espécie humana onde o próprio exemplo de *Mut*, a mãe andrógina, ilustraria este momento a partir de um mito. O falo, em *Mut*, longe de ser uma aberração, simboliza à mãe natureza sua potência fertilizante.

Apesar de uma amostragem reduzida de homossexuais psicanalizados, a coincidência de seus relatos não a tornaria desconsiderável:

Em todos os casos de homossexuais masculinos, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente sua mãe, durante o primeiro período de sua infância, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada

⁵ Perversos que sentem prazer em cortar o cabelo das mulheres.

ou encorajada por demasiada ternura por parte da própria mãe, e reforçada posteriormente pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante sua infância (Freud, 1910/2006, p.105)

Freud apresenta uma interpretação dos papéis materno e paterno na constituição da homossexualidade no lugar de posicioná-los em uma “espécie diferente” ou um “terceiro sexo”. É interessante destacar o trecho em que Freud apresenta as influências do pai e da mãe na escolha objetal de seu filho e perceber sua articulação em torno da homossexualidade e em que lugar a significa:

Na verdade, parece que a presença de um pai forte asseguraria, no filho, a escolha correta de objeto, ou seja, uma pessoa do sexo oposto (Freud, 1910/2006, p.105).

E, desta afirmação, uma extensa nota de rodapé, acrescentada nove anos depois:

A pesquisa psicanalítica contribuiu para a compreensão da homossexualidade com dois dados incontestáveis sem, no entanto, considerar que esgotou o estudo das causas determinantes dessa aberração sexual. O primeiro é a fixação das necessidades eróticas da mãe, conforme foi dito acima; o segundo está contido na afirmação de que qualquer pessoa, por mais normal que seja, é capaz de fazer uma eleição de objeto homossexual, e mesmo já a terá feito em alguma época de sua vida e, ou ainda a conserva em seu inconsciente, ou, então, defende-se desta com vigorosas contra-attitudes. Essas descobertas põem fim a qualquer pretensão que possam ter os homossexuais de serem considerados como um “terceiro sexo”, e também a qualquer controvérsia sobre homossexualidade inata adquirida. A presença de caracteres somáticos do sexo oposto (a quota proveniente do hemafrodismo físico) influi enormemente para que a eleição homossexual de objeto se torne manifesta; mas não é fator decisivo. Deve-se notar, infelizmente, que aqueles que se tornaram porta-vozes dos homossexuais no

campo da ciência foram incapazes de aprender qualquer coisa das deduções estabelecidas pela psicanálise (Freud, 1910/2006, p. 105)

O homossexual passaria a se identificar com a mãe e com o sexo feminino a ponto de eleger o objeto que sua própria mãe elegeu. Esta seria uma saída possível que o menino encontraria por ter de reprimir seu amor pela mãe. Seria um retorno ao auto-erotismo, substituindo a própria imagem de si, na infância, por um objeto do mesmo sexo. Amaria os meninos da maneira que este foi amado pela sua mãe. É uma escolha de objeto segundo o modelo do narcisismo, este personagem da mitologia que amava sua própria imagem mais do que qualquer outra. Escolhendo um homem, o homossexual fugiria das mulheres.

Freud enfatiza que esta explicação sobre da Vinci ilustraria “uma homossexualidade” frente outras possibilidades. Esta homossexualidade diz de uma mãe que teria em sua relação com o filho projeções que iriam além de uma simples função materna, de educação e zelo, mas fantasias sobre saciar-se em suas próprias questões como mulher.

No seu amor pelo filho, a pobre mãe abandonada procurava das expansões à lembrança de todas as carícias recebidas e à sua ânsia por outras mais. Tinha necessidade de fazê-lo, não só para consolar-se de não ter marido mas também para compensar junto ao filho a ausência de um pai para acarinhá-lo. Assim, como todas as mães frustradas, substitui o marido pelo filho pequenos, e pelo precoce amadurecimento de seu erotismo privou-o de uma parte de sua masculinidade (Freud, 1910/2006, p.123)

Assim, devido ao excesso de tempo mantido sob uma inibição pela realização provida à mãe, da Vinci não pôde desejar tais carícias e beijos de outra mulher.

Sua sede de saber como um resquício de uma mãe dominadora onde, na ausência de um pai, tomou Leonardo da Vinci como seu único consolo. O amor

que tinha por sua mãe foi reprimido, manifestando-se tardiamente em sua admiração por jovens rapazes, assim como fora admirado por sua mãe. Freud, baseando-se nos estudos de Vasari – que apontava a frequência de mulheres sorridentes e lindos rapazes nos primeiros trabalhos –, interpreta a produção artística como uma válvula de escape para seu desejo sexual reprimido.

E esta sua homossexualidade sublimada não estaria relacionada a algum funcionamento raro ou inferior, mas possível de se evidenciar também naqueles denominados “normais”:

Não mais consideramos que a saúde e a doença, ou que os normais e os neuróticos se diferenciem tanto uns dos outros e que traços neuróticos devem necessariamente ser formados como sendo prova de uma inferioridade geral. Hoje em dia, sabemos que os sintomas neuróticos são estruturas que funcionam como substitutos para algumas consequências de repressão, à qual devemos submeter-nos no curso de nosso desenvolvimento, desde a criança ao ser humano civilizado (Freud, 1910/2006, p.136)

A fantasia de espancamento

Ao se deparar com uma série de relatos fantasiosos sobre uma criança sendo espancada, Freud dedica um texto – *Uma criança é espancada* (1919) - com reflexões deste tema que tanto chamou sua atenção, logo no início de sua prática psicanalítica. Suas inquietações levaram-no a formular algumas teorias sobre a repetição desta cena entre seus analisandos, recorrendo sobre quem é que estava batendo nesta criança, quem era a criança, qual seu sexo, entre outras contingências.

O que nos importa focar é que a característica de satisfação auto-erótica destas fantasias era considerada um traço primário da perversão. Estariam aí, os primeiros passos de se tentar definir a causa da perversão na vida adulta, ou melhor, de se manter no adulto esta peculiaridade de uma vida sexual infantil. A hipótese apresentada é a de que um dos componentes da função sexual que se deveria ser despertada na puberdade ocorre precocemente na vida ainda infantil e se fixa, sendo afastada dos demais processos posteriores envolvidos no desenvolvimento sexual “normal” genital. O que se denominava sexualidade anormal seria para a psicanálise um traço sobrevivente e “parado no tempo” de uma fixação na infância. Apesar da impossibilidade de se explicar o porquê desta fixação ocorrer em alguns casos e em outros não, e a escolha sobre qual esta fixação atua, era sempre exatamente sobre o componente que precocemente não fora recalçado.

Freud sugere a hipótese, mesmo que ainda não confirmada, de que os fenômenos ditos perversos poderiam ser considerados como reminiscências que não sofreram a participação do recalque comum nos processos de educação:

(...) naturalmente seria importante saber se a origem das perversões infantis a partir do Complexo de Édipo pode ser afirmada como um princípio geral. Embora isto não possa ser resolvido sem mais investigações, não parece impossível. (Freud, 1919/2006, p. 208)

Levando, assim, a perversão não como algo que fora “somado” ao indivíduo saudável, mas, inversamente, considerando este indivíduo dito saudável como alguém que sofrera uma subtração decorrente do recalque atuante na perversão polimorfa que desembocaria em uma sexualidade genital.

Já que o recalque é uma intervenção própria da espécie humana na educação da sociedade a fim de uma organização sexual – heterossexual, genital e monogâmica – trata-se de uma ação efetuada sobre os instintos biológicos, naturais, do “animal” humano. Só há recalque na presença de qualquer destas

manifestações que possam ir contra esta organização sexual. Mas a criança, ainda “mais animal do que homem” ao adentrar a cultura, não deixa de reconhecer estes movimentos:

A criança parece estar convencida de que os genitais têm algo a ver com o assunto, muito embora, em suas constantes cogitações, possa procurar pela essência da presumida intimidade entre os pais em relações de outra espécie, tais como no fato de dormirem juntos, de urinarem na presença um do outro, etc... e o material desse último tipo pode ser mais facilmente apreendido em imagens verbais do que o mistério que está relacionado com os genitais (Freud, 1919/2006, p. 203)

Desta constatação, de que a criança é submetida a uma norma sexual, Freud também considera o que é de fato uma psicanálise, colocando-a como um rememorar destas lacunas ainda não-significadas do indivíduo em seus primeiros anos de idade:

(...) o trabalho psicanalítico só merece ser reconhecido como psicanálise quando consegue remover a amnésia que oculta do adulto o seu conhecimento da infância desde o início (isto é, desde um período aproximadamente entre o segundo e o quinto ano de vida). (Freud, 1919/2006 p.199)

Um romance edípico que só pode ter um destino: o fracasso. Este fracasso necessário conduz a criança a um futuro genital e, na hipótese Freudiana, o masoquismo seria uma regressão aos estágios pré-genitais, sádico-anais, em consequência de uma repressão que não logrou a castração, isto é, que não atuou sobre o Complexo de Édipo.

A fantasia de “ser espancado” estaria relacionada com uma convergência dos sentimentos de culpa e amor sexual, “não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto daquela relação” (Freud, 1919/2006, p. 205).

No exemplo do masoquismo, a possibilidade de uma vida sexual só foi possível nesta substituição. Diferente do discurso da medicina do final do século XIX, Freud apontava esta forma dita perversa de se obter alguma satisfação sexual – no mesmo texto descreve um paciente que se masturbava pensando-se espancado pela própria mãe e por outras mulheres – como uma forma que se difere por não adequar a um considerado modo de se organizar sexualmente, não compondo o modo que se organizam a maioria da população que, ao invés de satisfazer esta “culpa universalmente herdada” do amor edípico por via de uma repressão, encontra a satisfação regredindo às fases pré-genitais.

No mesmo texto, Freud, pela primeira vez, assume sua conclusão de que a perversão seria um fenômeno ocorrente em todos os processos de constituição da sexualidade, seja “normal”, seja “anormal”:

(...) a perversão não mais é um fato isolado na vida sexual da criança, mas encontra o seu lugar entre os processos típicos, para não dizer normais, de desenvolvimento que nos são familiares.
(Freud, 1919/2006, p. 207)

E a homossexualidade não só se reduziria ao ser explicada como um fator congênito, como também a situa como um estágio do desenvolvimento libidinal:

De modo que se pode imaginar como é pequeno o valor que se deve atribuir, por exemplo, a uma afirmação de que um caso de homossexualismo é congênito, quando o motivo dado para se acreditar que o seja é que, desde os seis ou os oito anos, a pessoa em questão só sentiu inclinações para o seu próprio sexo.
(Freud, 1919/2006, p. 208)

A mulher homossexual

Em 1920, a partir do texto *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, Freud relata a história que obteve de uma jovem de dezoito anos que chegou até o seu consultório através de seu pai, em busca de tratamento. Sua queixa era a de que sua filha demonstrava comportamentos homossexuais, particularmente destinados a uma “dama da sociedade” tendo dez anos de idade a mais que ela. Tal atitude incomodava a família, pois, entre outras coisas, parecia difama-la ao assim se comportar publicamente na demonstração desses tipos de afetos.

O pai, apesar de ter “um coração tenro e bem conceituado”, não podia deixar de demonstrar certa amargura com o comportamento de sua filha, buscando ajuda médica e acreditando que um casamento arranjado despertaria os instintos “naturais”. Já a mãe, esta não era relatada com a mesma facilidade com que era o pai. A mãe, ao contrário, parecia não demonstrar tal amargura perante a filha, chegando até a ter credibilidade para compartilhar de seus relatos. A mãe já havia sofrido de problemas neuróticos e destinava um tratamento áspero para com sua única filha, diferente do tratamento destinado aos outros três filhos, todos do sexo masculino.

Após uma breve apresentação do caso, Freud vai argumentar sua relação com este pedido de cura vindo pelo pai do qual não só descarta qualquer possibilidade de garanti-la, como expõe sua opinião acerca do caso, partindo da premissa que a jovem não se encontrava em condições de enfermidade:

(...) outros aspectos desfavoráveis no presente caso eram os fatos de a jovem não estar de modo algum doente (não sofria em si de nada, nem se queixava de sua condição) e de a tarefa a cumprir não consistir em solucionar um conflito neurótico, mas em

transformar determinada variedade da organização genital da sexualidade em outra. (Freud, 1920/2006, p. 162)

Nas palavras que utiliza em seu depoimento, acaba por apresentar a perversão – no caso, a homossexualidade – não como uma degeneração de uma sexualidade patológica, pressupondo a heterossexualidade como a referência saudável, mas a conota enquanto uma organização genital, já partindo da teoria do Complexo de Édipo apresentada anteriormente e nas variedades com que cada indivíduo sairá da castração. Freud é enfático no que diz da posição do indivíduo de querer ou não “abandonar o caminho que é proibido pela sociedade”. Assim, o que Freud pode oferecer aos pais é que estudaria o caso cuidadosamente durante algumas semanas ou meses para avaliar o quanto uma análise teria êxito.

Também, antes de dar cabo, apresenta suas observações sobre a nomenclatura de “homossexualismo congênito” e “homossexualismo adquirido”. Além de afirmar que características físicas do sexo oposto estão presentes em qualquer indivíduo, estas não teriam relações com o psiquismo e que, tais distinções seriam “antes convencionais que científicas” quando se atribui, por exemplo, uma “acuidade de compreensão” ou “lúcida objetividade” como características pertencentes ao sexo masculino. O que interessava a Freud não era classificar as origens deste comportamento, bem como de qual “região” ele viria, mas a própria relação da jovem com seu objeto amoroso e esta se posicionar frente a ele de forma inteiramente masculina. Para Freud, esta questão do congênito *versus* adquirido, seria “estéril e desapropriada” (Freud, 1910/2006, p.166).

Depois de alguns encontros, a jovem chegaria à conclusão de que algo de seu irmão um pouco mais velho lhe era lembrado em sua dama: “a figura esbelta, a beleza severa e a postura ereta”. Freud tem a opinião de que este objeto escolhido pela jovem combinava tanto a satisfação de uma tendência heterossexual como de uma tendência homossexual:

(...) é bem sabido que a análise de homossexuais masculinos em numerosos casos revelou a mesma combinação, o que deveria nos alertar contra formarmos uma concepção demasiado simples de natureza e gênese da inversão e mantermos em mente a bissexualidade universal dos seres humanos. (Freud, 1920/2006, p. 168)

A homossexualidade da jovem aponta aquilo que está fora do biológico e que poderia ser argumentado a partir da trama familiar a qual ela se encontrava. Na puberdade sofrera um grande desapontamento ao desejar conscientemente um filho homem vindo de seu próprio pai e ver que sua mãe quem realizara este desejo. A jovem tomou uma atitude que não é incomum frente a uma grande decepção com o sexo oposto: um afastamento não só do pai como de todos os homens. Durante as sessões, a analisanda também trouxe outros indícios que corroboravam a esta explicação, como o fato de ter deixado à mãe, que ainda era muito bela e admirada pela sociedade, todos os homens ao tornar-se homossexual. O fato de se envolver com a dama sempre próximo do local onde seu pai trabalhava, acabava por incomodá-lo e a jovem sentia-se como que vingando-se dele.

Deste caso, não só responderia a questão do inato *versus* adquirido como também a criticaria. Freud parte do princípio de que aquilo que denominamos adquirido só é possível de sê-lo a partir do que o indivíduo já traz de seu nascimento e que parece não só impossível de se separar, como também desnecessário, uma vez que não traria alguma “cura” ao problema.

(...) uma parte dessa disposição adquirida (se foi realmente adquirida) tem de ser atribuída à constituição inata. Assim, na prática, vemos uma contínua mescla e mistura do que em teoria tentaríamos separar em um par de opostos, a saber, caracteres herdados e adquiridos. (Freud, 1920/2006, p.181)

O que a psicanálise descobre nos estudos da perversão – aqui no caso, a *inversão* – é que uma trama na constituição do indivíduo em sua relação familiar influenciará sua escolha de objeto e caberia a esta ciência revelar tais mecanismos que culminariam nesta ou naquela escolha de objeto. Levando em conta esta descoberta que até então, nas palavras de Freud, fora “tendenciosamente obscurecida” pela literatura, a criação patológica de um “terceiro sexo” aberrante cai por terra.

O masculino e o feminino

Na infância, a combinação dos instintos parciais com a subordinação à primazia genital, a fim de promover a reprodução, ainda não atingiu sua completude. Esta afirmação dos *Três Ensaio*s já não satisfaz mais a atualização das observações psicanalíticas de Freud. A vida sexual da criança se aproxima a da do adulto muito além da mera escolha objetual. A primazia na vida sexual infantil não é genital, mas *fálica*, isto é, “consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino” (Freud, 1923/2006, p. 158).

Freud desenvolve sua teoria da sexualidade partindo do menino. Este crê que tudo tem pênis, até mesmo os objetos inanimados. Se há ausência real de um pênis, entra a fantasia de que um dia irão ali crescer. Ou que já esteve ali e fora retirado. Diferente de outras meninas que se “comportaram mal” e perderam seus pênis, as mães seriam mulheres que mantêm-se com pênis por mais tempo no imaginário infantil. Dessa constatação, postula que a mãe para o menino é considerada por muito tempo fálica. É uma mulher diferente de todas as outras, pois esta sim seria a única a possuir um pênis.

A relação da presença ou não de um pênis constitui não só um conhecimento acerca das diferenças anatômicas, como também uma série de outros correlatos, incluídas as fases do desenvolvimento exposto por Freud em seus *Três Ensaíos*. Na fase pré-genital sádico-anal há atividade e passividade – antecedentes do masculino e feminino apropriados enquanto direcionamento libidinal. Na genital existe masculinidade *versus* castração, ou seja, pensa-se que quem não tem falo em realidade o possuíram, mas lhe fora retirado. Só na puberdade têm-se a distinção masculino e feminino. Ao masculino se atribuiriam o ativo, o sujeito e a posse de pênis. Para o feminino, o passivo, o objeto e o abrigo de um pênis (herança do útero).

O masoquismo na constituição humana

Sob os nomes de *pulsão de vida* e *pulsão de morte*, Freud apresenta dois moventes que influenciariam as relações objetais do indivíduo. Contrapondo uma à outra, estariam constantemente em “disputa” tendo, de um lado, ações que visam a autoconservação, manutenção e expansão da espécie e, de outro, uma auto-destruição e busca pela total ausência de tensões próximo de um estado considerado inorgânico. Esta segunda ação pulsional, dita como *pulsão de morte*, estaria presente em todos os indivíduos, não se tratando de uma exclusividade de pessoas “anormais”.

Este desejo existente no homem de se recluir e retornar a um estado de total ausência tensional, Freud a equipara ao próprio estado de morte, onde Eros deixaria de atuar. Sob o denominado *princípio do prazer*, estariam aqueles que se conduziram por estas pulsões de auto-destruição, vendo que a toda vontade de prazer por ser insaciável só poderia lograr-se no próprio fim da vida. Ao princípio conduzido pelas influências do mundo externo, levando-se em consideração as

possibilidades de se satisfazer este aplacamento das tensões, Freud denominou-o *princípio de realidade*. São princípios que agem mutuamente.

Considerando qualquer ação de qualidade destrutiva, seja a si próprio ou à outra indivíduo, como condição da constituição do homem, Freud vai avaliar o masoquismo sob três pontos: como sendo uma excitação sexual; uma expressão da natureza feminina; ou o próprio comportamento em si. Dessas três perspectivas, considera-se um masoquismo que pudesse ser de ordem erógena, feminina ou moral. Na erógena (sexual), trata-se da origem mesma biológica do masoquismo e que estaria também na constituição dos demais. Mas Freud também não a desenvolve além desta constatação, deixando-o como um “assunto ainda obscuro”. O que apresenta, baseado nas suas introduções dos conceitos de *pulsões*, não são explicações lógicas, mas a hipótese de que essas *pulsões de morte* encontradas também em outros seres multicelulares, não estariam fusionadas, amalgamadas, como costumamos perceber e que também poderiam sofrer um processo de desfusão. Já quanto ao feminino, seria a manifestação que Freud presenciou de suas observações psicanalíticas, em fenômenos atrelados a indivíduos impotentes ou compulsivos masturbadores (conforme tópico VI de *Bate-se numa criança*). O masoquismo teria a finalidade de induzir alguma potência ao ato sexual, que não lograria fora da manifestação agressiva enquanto ato. O masoquista quer ser tratado como uma criança mal-criada que merece ser punida, tendo seu prazer advindo de lembranças das punições que sofrera quando criança, inclusive exigindo elementos ou ornamentos que pudessem compor esta cena.

Tanto o masoquismo quanto o sadismo estariam ligado ao instinto de morte operando no organismo. O que diferenciaria um caso de outro é a admissão do eu (*self*) como o próprio objeto para o masoquista:

(...) pode-se dizer que o instinto de morte operante no organismo – sadismo primário – é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transposta para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu masoquismo erógeno propriamente dito que,

por um lado, se tornou componente da libido e, por outro, ainda tem o eu (self) como seu objeto. Esse masoquismo seria assim prova e remanescente da fase de desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre o instinto de morte e Eros se efetuou. (Freud, 1924/2006, p. 182)

O masoquismo também estaria acompanhando o desenvolvimento de todas as fases da libido, tendo uma fantasia correspondente para cada: o medo de ser devorado pelo animal totêmico com a fase oral; o desejo de ser espancado com a fase anal-sádica; e a castração, característica do feminino, seria um correlato às fantasias de ser copulado e de dar nascimento.

Assim, a ética dos bons comportamentos sociais pode causar um resultado inverso do esperado. Uma supressão total dos instintos do homem quando não possibilitados de alguma evasão na cultura, poderia gerar seres ditos “anormais”, seres sado-masoquistas, que não conseguiram suprimir tamanhas pulsões de destruição e acabariam por ter de destruir outros de sua espécie ou aquilo que lhe restasse: a si próprios.

Por trás do fetiche

Nos *Três Ensaio*s, o fetiche é designado como “um efeito posterior de alguma impressão sexual, via de regra recebida na primeira infância” (Freud, 1927/2006, p. 151). Numa extensão acrescentada a uma nota de rodapé, em 1910 para os *Três Ensaio*s, Freud afirma pela primeira vez da possibilidade de o fetiche representar o pênis que falta à mulher, figurando uma teoria sexual infantil.

Freud vai reverenciar o fato de que o fetichista raramente sente seu fetiche como uma doença que o faz sofrer, indo buscar uma orientação analítica muito mais por um reconhecimento de anormalidade vinda de seus adeptos. Acrescenta

ainda o fato de um fetichista poder até louvá-lo e ter por ele uma facilitação em suas vidas eróticas.

Menciona-se o termo 'rejeição' (*Verleugnung*) para designar a reação específica das crianças que tardiamente seriam consideradas perversas frente às diferenças anatômicas genitais. Introduzindo aqui um novo desenvolvimento de sua metapsicologia, onde esta rejeição levaria a uma divisão do ego do indivíduo, Freud atribui a esta divisão uma saída possível, que permitiria aquilo que é designado como a máxima perversa "Eu sei, mas...", onde o perverso suportaria a diferença sexual, negando esta própria diferença.

Mas o que é que o fetichista nega? Nega a ausência de um certo pênis. O pênis que o fetiche substitui não é qualquer um, mas o pênis da mãe - aquele pênis postulado na *Organização genital infantil* - em que o menino acreditou existir e que agora não deseja abandonar, que lhe era tão importante. A frequência desta constatação em seus pacientes levou Freud a esta conclusão: estariam os fetichistas demonstrando aí uma possível saída para a castração.

(...) em todos os casos, o significado e o propósito do fetiche demonstraram, na análise, serem os mesmos. Ele se revelou de modo tão natural e me pareceu tão compelativo que me sinto preparado para esperar a mesma solução em todos os casos de fetichismo (Freud, 1927/2006, p. 155)

Este desejo de não reconhecer uma mãe castrada estava no risco de o menino colocar a sua própria posse de pênis em jogo, na possibilidade de ser castrado. A rejeição é empreendida com muita energia, a ponto de inalterar sua crença de que as mulheres – a partir de sua mãe – possuem um falo. É como se tivesse retido a crença, mas também abandonado-a. Daí a característica de um ego dividido. Tal empreendimento só é possível pela substituição de um pênis por um fetiche

(...) no conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento – os processos primários” (Freud, 1927/2006, p. 156)

O fetiche tornaria as mulheres, para os fetichistas, objetos sexualmente toleráveis e, nas palavras de Freud, o “salvaria” de se tornar homossexual.

Quanto aos seus atributos, nem sempre a escolha do fetichista se remete ao órgão fálico, em suas características simbólicas. O fetiche é instituído baseado no processo que faz lembrar a interrupção da memória na amnésia traumática que o fetichista teve de “rejeitar” na revelação da castração.

(...) é como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche. Assim, o pé ou sapato devem sua preferência como fetiche – ou parte dela – à circunstância de o menino inquisitivo espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo, das pernas para cima... (Freud, 1927/2006, p. 157)

ou

(...) peças de roupa interior, que tão freqüentemente são escolhidas como fetiche, cristalizam o momento de se despir, o último momento em que a mulher ainda podia ser encarada como fálica (Freud, 1927/2006, p. 158)

O fetiche teria a função de manter a mulher como não castrada, mas só podendo fazê-lo só por lembrar de que as mulheres o são. Freud vai exemplificar com o caso de um homem cujo fetiche era um calção de banho, possível tanto de cobrir seus órgãos quanto o da mulher, cobrindo suas distinções.

O fetiche, do ponto de vista psicanalítico, exporia ainda mais claramente a constatação da existência de um complexo de castração:

(...) uma investigação do fetichismo é calorosamente recomendada a quem quer que ainda duvida da existência do complexo de castração ou que ainda possa acreditar que o susto à vista do órgão genital feminino possua outro fundamento... (Freud, 1927/2006, p. 158)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tentativa de se apontar as diferenças do discurso médico do século XIX para a ciência psicanalítica acerca da perversão, consideramos a importância de se aproximar desses “capítulos anteriores” da história, para uma compreensão da nova abordagem apresentada por Freud, como vai apontar Roudinesco:

(...) herdada de Xavier Bichat, surge toda uma nomenclatura, *cujas herdeiras serão a psicanálise*. Inteiramente dessacralizada, a perversão, nunca definida como tal, torna-se o nome genérico de todas as anomalias sexuais: não se fala mais da perversão, mas das perversões, necessariamente sexuais (Roudinesco, 2008, p. 82).

Apesar da sua tentativa original de se passar dos mais variados fenômenos atribuídos ao termo “perversão” para uma possível explicação do perverso ser conotada ainda moralmente – definindo e nomeando a sexualidade em “normal” ou “anormal”, até mesmo “aberração” ou dizendo que o fetiche “salvaria” o homem de uma homossexualidade – o início da psicanálise levou em consideração não só a distinção do normal para o patológico como também apresentou aproximações que constituem a formação do homem, o que rege as leis sociais e o que é observado nos processos de educação de uma criança. No lugar de trazer o perverso como o resultado daquilo que exemplificaria o mau comportamento, Freud contesta os próprios fundamentos desta “ciência da norma” (Roudinesco, 2008, p.83).

Se não bastasse levantar a polêmica constatação de que há uma vida sexual infantil, Freud ainda a qualifica como perversa. É a “perversão polimorfa” que estaria presente nas crianças até que, sob os processos educativos, poderia ser destinada a uma vida sexual a serviço da reprodução. Tendo no adulto perverso algo que “falha” no processo da educação – sob o termo que designa como *recalque* – destas moções que estão aí para qualquer parte do corpo, de

qualquer pessoa e em qualquer forma, sem necessidade de estimulação ou de sedução externa por parte de um adulto. Trata-se de uma disposição originária e universal da pulsão sexual nos seres humanos. Comparando a psicanálise com a ciência positivista do século XIX, que se baseava na norma para esclarecer o patológico, Freud inverte a situação levando a perversão como ponto de partida para se compreender o que era julgado normal. Novamente, a máxima: “A neurose é o negativo da perversão”.

Em *Bate-se numa criança*, quando Freud apresenta a constatação de que as cenas de sedução relatadas por grande parte de seus pacientes não ocorreram de fato, mas antes, tratavam-se de fantasias, abre-se o campo para a investigação de uma realidade psíquica. Não sendo ignoradas como mentiras, do contrário, estas fantasias foram levadas a sério como campo de estudo, trazendo voz ao sujeito enfermo de falar sobre sua própria enfermidade. O caráter da hereditariedade substituído pelo da historicidade: a pré-história que era buscada pelos psiquiatras do século XIX através dos ancestrais, utilizando-se de conceitos com pouco rigor justificados por uma erudição derivado de nomes gregos, enfim, agora era apresentada na história do próprio indivíduo pela psicanálise.

É com *O Fetichismo* que Freud define sob o termo ‘rejeição’ (Verleugnung) a legitimação da perversão como uma possível saída do complexo de castração. Ao articular o que era da ordem do comportamento e da fenomenologia com uma constituição – isto é, uma das constituições – do aparelho psíquico, passa a considerar o termo como um modo de funcionamento, não sendo o perverso explicado a partir de “restos” da sexualidade infantil.

Diferenciará “perversão polimorfa”, isto que diz das particularidades de uma sexualidade infantil, de “perversão” como uma possibilidade de resolução do complexo de castração a partir de uma clivagem no ego. Nota-se que o emprego do termo “perversão” em um primeiro momento ainda traz a mesma conotação de uma moral sexual ao qualificar o comportamento infantil como desviante da primazia genital, só depois passando para um posicionamento do indivíduo frente

à castração e seu contexto particular na constituição de sua sexualidade. Neste contexto, o perverso, estaria designado a partir de um modo de funcionamento e não como quem reúne no conjunto de seus comportamentos sexuais aqueles que são considerados desviantes, trazendo no lugar de uma ciência do sexo, uma teoria do desejo.

Investigando os sentidos da perversão anteriores a Freud e os movimentos deste autor até a postulação de uma ´rejeição` (Verleugnung) típica do funcionamento perverso, nos deparamos não só com uma transformação do termo como um reposicionamento frente a própria sexualidade humana, tomando-a não como aquilo que deveria ser, mas, sim, como ela é, isto é, foi constituída.

Tendo compreendido a transformação do termo na virada da medicina positivista para a ciência do inconsciente, esclarece-se o modo como Freud se posicionou frente ao sujeito contrapondo um controle via *biopoder* que permeava a atuação médica para uma cura pautada eminentemente na escuta. Enquanto a psiquiatria colava os conceitos de forma ideológica, Freud questiona porque são os perversos como são – e, na verdade, acaba por não conseguir responder esta questão, legitimando um não saber. Ou melhor, que cada um saiba sobre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade – a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade* In: Obras Completas vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* In: Obras Completas vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* In: Obras Completas vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Moral sexual “civilizada” e doença moderna* In: Obras Completas vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *O fetichismo* In: Obras Completas vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *O problema econômico do masoquismo* In: Obras Completas vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *Três ensaios sobre sexualidade* In: Obras Completas vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. *‘Uma criança é espancada’ uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais* In: Obras Completas vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

HAVELOCK ELLIS. *A inversão sexual*. São Paulo: Nacional, 1933.

_____. *O instinto sexual*. São Paulo: Nacional, 1933.

KRAFFT-EBING, Richard Von. *Psychopathia sexualis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2005.

PESSOTTI, Isaias. *Os nomes da loucura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.